

Efeitos da Pedagogia Musical Ward no desenvolvimento musical e desempenho vocal de crianças do 1º ciclo do Ensino Básico *

Idalete E. Garcia Giga
Idaletegiga@clix.pt

Neste estudo foram investigados os aspectos relativos ao processo de desenvolvimento musical e vocal de crianças do 1º ciclo. Problemas de partida : a) – Verificar como se processa o desenvolvimento musical e vocal das crianças quando sujeitas a instrução musical segundo o método Ward. b) – Comparar os efeitos de duas práticas educativas diferentes em termos de desenvolvimento musical e de aptidão musical. c)- Caracterizar o desenvolvimento musico-vocal das crianças *monótonas* identificadas no início do estudo. A amostra foi composta por 41 crianças entre os seis e os nove anos, distribuídas por duas turmas - o grupo experimental 1 e o grupo experimental 2. Ambos os grupos foram testados no início, no meio e no fim do ano lectivo. Recorreu-se, simultaneamente, a medidas standardizadas de avaliação da aptidão musical- teste *IMMA (Intermediate Measures of Music Audiation)* e a medidas de avaliação do desempenho vocal – *rating scales* (dimensões tonal, ritmo e expressividade) a partir de duas canções infantis gravadas por cada criança. Concluiu-se que os efeitos da instrução musical das duas práticas educativas foram positivas, quer ao nível do desenvolvimento musical, em termos de aptidão musical, quer ao nível do desempenho vocal. O grupo que recebeu a instrução musical Ward teve resultados superiores aos do grupo sujeito à instrução musical baseada no programa de Educação Musical do 1º ciclo. Quanto aos *monótonos* pode concluir-se que o mau desempenho vocal nem sempre evidencia pouca aptidão musical. Os monótonos com aptidão musical acima da média obtiveram, mais rapidamente, melhores resultados no desempenho vocal, após treino musical, do que os monótonos com menor aptidão.

Palavras- chave: *aptidão musical, desenvolvimento musical, desempenho vocal* .

Introdução

Há cada vez mais depoimentos de estudiosos da voz, pedagogos da música, psicólogos, foniatras, médicos, que alertam, insistentemente, para o problema da má utilização da voz e do meio ambiente hostil que muitas vezes rodeia a criança. Quer o mau uso da voz, quer o meio ambiente saturado de poluição sonora provocam desequilíbrios físicos e psicológicos desde muito cedo (rouquidão persistente, voz com timbre e altura alterados, nódulos nas cordas vocais, etc) com graves repercussões no próprio aproveitamento escolar .

A ideia generalizada de que a criança é incapaz de assimilar um mecanismo fonatório destinado aos adultos constitui um alibi para mascarar a penúria educativa nesta área. O desconhecimento de que é

possível ajudar a criança a construir, progressivamente, a sua voz cantada, leva a descurar este aspecto importantíssimo da saúde vocal infantil.

Vivemos num mundo completamente dominado pela imagem, pelo virtual, pelo ilusório. Dir-se-ia que a visão destronou a audição que passou para um plano afastado. De facto, perderam-se os hábitos de escuta, a capacidade e a disponibilidade para ouvir, para nos ouvirmos uns aos outros. De acordo com Sá (1997), “ *há uma atrofia generalizada da audição que conduz ao esquecimento do acto de cantar*” (p.10). Segundo a mesma autora, as causas daquela atrofia são a falta de prática vocal nas escolas, a música ligeira incantável e ensurdecadora e a perda da tradição dos serões familiares, em prol de horas de vídeo e televisão que arrastam consigo um estado de letargia de todo o processo educativo, seja ele o acto de cantar, pintar, escrever ou outro.

Ao contrário do que se pensava no passado, sabemos hoje que é um erro privar a criança do acto de cantar antes da puberdade. Contudo, as crianças continuam privadas do prazer do canto. Não são motivadas para esta actividade. Cantam cada vez menos e sem qualquer preparação.

A voz humana depende da nossa personalidade tal como se vai desenvolvendo ao longo da vida e muito particularmente através dos hábitos vocais adquiridos desde a infância. Em geral, é na idade adulta que se tenta fazer a correcção das deformações e desgastes vocais que começaram na infância e muitas vezes se agravam durante a puberdade, na altura da mudança da voz. Infelizmente, a maioria das pessoas ignora as potencialidades da sua voz, não a sabe utilizar correctamente porque não recebeu qualquer tipo de formação nem no seio da família nem na escola. É na infância que devemos começar a construir a nossa voz. Mas nesta delicada e difícil tarefa, a ajuda do professor é imprescindível. Daí, a grande importância também da formação pedagógica dos professores ao nível da sua própria voz.

A temática do desenvolvimento vocal da criança constitui um vasto campo inexplorado em que os estudos são praticamente inexistentes. Há uma necessidade premente de pesquisas nesta área. Sabermos, por exemplo, como se processa o desenvolvimento musical da criança associado quer à sua aptidão musical, quer ao seu desempenho vocal. Por outro lado, há também necessidade de avaliar esta problemática através de medidas standardizadas e objectivas.

No nosso País não foi ainda realizado qualquer estudo que avalie ,por exemplo, os resultados dos

métodos activos de educação musical mais divulgados (Orff, Ward e Willems). É minha convicção que os métodos activos de Educação Musical continuam a constituir, no seu conjunto, uma importante base de trabalho e que os mesmos poderão ajudar os professores na sua prática pedagógica da música. Seria absurdo pensarmos numa educação musical sem o recurso à voz cantada da criança, que implica, por sua vez, uma pedagogia adequada para se desenvolver com equilíbrio. Foi neste sentido que me propuz realizar um trabalho de investigação centrado na voz da criança, tendo o mesmo constituído a tese de doutoramento que apresentei na Universidade de Évora em Março de 2006. O presente artigo tem como objectivo apresentar os resultados dessa investigação. Optei pela aplicação do método Ward por duas razões essenciais : 1- por ser aquele que dá um realce particular à educação vocal da criança, propondo processos de ensino e aprendizagem desde a primeira infância. 2- por ter tido a oportunidade de ensinar música a crianças em idade pré-escolar e escolar através deste método durante cerca de quinze anos .

1. METODOLOGIA

1.1. Finalidade do estudo

O estudo empírico pretende evidenciar aspectos relativos ao processo de desenvolvimento musical e vocal de crianças do 1º ciclo do Ensino Básico. Este conjunto de conhecimentos, testados na prática, poderá contribuir para um melhor desempenho por parte dos professores de Educação Musical.

1.2. Problemas

Decorrentes da finalidade do estudo foram equacionados três problemas: a)- Verificar como se processa o desenvolvimento musical e vocal de crianças do 1º ciclo do E.B. quando sujeitas a instrução musical através do método Ward. b) Comparar os efeitos de duas práticas educativas diferentes em termos de desenvolvimento vocal e de aptidão musical. c)- Caracterizar o desenvolvimento musical e vocal de crianças *monótonas* (crianças que não conseguem reproduzir vocalmente, na frequência correcta, os sons que ouvem, independentemente de os perceberem ou não) identificadas no início do estudo.

1.3.-Sujeitos

A amostra foi constituída por 41 crianças de ambos os sexos, distribuídas por duas turmas do 2º Ano de escolaridade de uma escola da rede pública- a Escola de S. Mamede , situada no centro histórico

da cidade de Évora. As duas turmas foram propostas pelo professor coordenador da escola quando lhe foi apresentado o projecto de investigação e a faixa etária pretendida- crianças entre os seis e os oito anos. Assim, a turma que já estava destinada a ter, pela primeira vez, aulas de Educação Musical por iniciativa da própria escola, com uma professora contratada, e que integrava crianças daquela faixa etária, constituiu o grupo experimental 2. A outra turma, que em princípio não beneficiaria de instrução musical proporcionada pela escola, constituiu o grupo experimental 1 a quem foi ministrada a pedagogia musical Ward ao longo do ano lectivo.

1.3.1. Caracterização da amostra por sexo

Grupos	M.	F	Total
Grupo experimental 1	8 (44%)	10 (56%)	18 (100%)
Grupo experimental 2 (de controle)	15 (65%)	8 (35%)	23 (100%)

1.3.2. Caracterização da amostra por idade

Grupos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	Total
Grupo experimental 1	0 (%)	14 (78%)	4 (22%)	0 (%)	18 (100%)
Grupo experimental 2 (de controle)	1 (4,5%)	17 (74%)	4 (17%)	1 (4,5%)	23 (100%)

Foi escolhida a faixa etária dos seis aos oito anos por se ter verificado em estudos já realizados, nomeadamente os de Zenatti (1969; 1990), que é na mesma que se acentua a aculturação musical da criança, o que vai facilitar a percepção de estruturas tonais e rítmicas. Por outro lado, de acordo com as conclusões de Robert e Davies (1976) num estudo efectuado na Inglaterra sobre crianças monótonas, é na faixa etária entre os cinco e os sete anos de idade que o *monotonismo* se define e atinge a sua maior incidência, havendo a tendência para diminuir à medida que aumenta a idade. As conclusões dos autores atrás mencionados foram determinantes na selecção da faixa etária

do presente estudo, uma vez que um dos objectivos de partida era justamente, acompanhar o desenvolvimento musical e vocal de crianças diagnosticadas como monótonas.

1.4. Instrumentos

Para a avaliação da aptidão musical foi utilizado o teste *IMMA* (*Intermediate Measures of Music Audiation*) de Edwin Gordon.

De acordo com Rodrigues (1997), a grande parte dos testes de aptidão musical propostos ao longo do séc. XX está já fora de publicação. A literatura especializada costuma distinguir os testes de Seashore(1919; 1938) e Wing(1968) como as duas importantes referências da primeira metade do século pelo facto de apresentarem duas concepções diferentes de aptidão musical. Desde o *Seashore Measures of Musical Talent* (o primeiro teste de aptidão musical publicado na primeira década do séc. XX) poucos parecem ter satisfeito os requisitos mínimos de qualidade psicométrica.

Os testes elaborados por E. Gordon são, na actualidade, os que a literatura especializada concede maior reconhecimento. Este investigador veio dar uma contribuição importante ao criar vários instrumentos de avaliação no âmbito quer da aptidão, quer do desempenho musical. Por este motivo, é o teste *IMMA*, criado por Gordon em 1982, que foi aplicado no presente estudo. O grande interesse e validade deste teste reside no facto de o mesmo permitir identificar com rigor, as necessidades e diferenças individuais de cada criança. Tem, por isso, uma finalidade educativa da maior relevância, pois fornece, quer aos pais, quer aos professores, o conhecimento do nível do potencial musical da criança que deve ser desenvolvido de forma adequada e em tempo oportuno. Segundo Gordon (2001), “ *a qualidade das experiências musicais precoces é fundamental para que o potencial musical não decresça* “(p. 9). Interessa , pois, descobrir desde muito cedo, as capacidades musicais das crianças. Porém, os resultados obtidos nos testes não devem ter efeitos negativos. Em nenhum caso, os maus resultados devem levar, por exemplo, à interrupção de uma educação musical já começada. Independentemente de serem bons ou maus, eles devem ser usados para guiar pais e professores no sentido de ajudar as crianças a participar mais activa e plenamente em todos os aspectos da aprendizagem e vivência musicais. Na concepção de Gordon (2001), um teste de aptidão musical em desenvolvimento (1) destina-se, especificamente, a determinar a aptidão musical de crianças dos três

aos nove anos de idade. Para as crianças do 1º ao 6º Ano de escolaridade é utilizado o teste IMMA que avalia duas dimensões a que correspondem os testes tonal e rítmico. Outra finalidade do IMMA é avaliar idiograficamente (2) cada criança, ou seja, comparar os resultados em termos de aptidão rítmica e melódica para que o ensino se possa adaptar às suas necessidades e perfil específico. Para a avaliação do desempenho vocal foram criadas duas canções infantis e três escalas de classificação (rating scales) nas dimensões tonal, ritmo e expressividade, cada uma com cinco critérios. De acordo com as investigações de Gordon (2000 a, p. 417), o uso de menos de cinco critérios numa dimensão tende a diminuir a sua fiabilidade e, conseqüentemente, a fiabilidade do total das escalas de classificação (todas as dimensões combinadas). Por outro lado, o uso de mais de cinco critérios tende a diminuir a validade da dimensão e, eventualmente, a validade do total das escalas de classificação. Assim, cada uma das dimensões (tonal, ritmo e expressividade) contém cinco critérios de avaliação elaborados de forma a permitir, simultaneamente, avaliar a evolução da capacidade de desempenho musical e vocal das crianças. As escalas de classificação tonal e ritmo são contínuas. A da expressividade é aditiva.

1.5. Procedimento

Dado que os problemas deste estudo convergem no sentido de avaliar práticas educativas e caracterizar processos de desenvolvimento musical, optou-se pela realização de um estudo longitudinal. Ambos os grupos (experimental 1 e 2) foram seguidos e testados em três momentos ao longo do período de instrução, recorrendo-se, simultaneamente, a medidas estandardizadas de avaliação da aptidão musical (teste IMMA) e a medidas de avaliação do desempenho vocal. O teste IMMA foi aplicado separadamente aos dois grupos, em Outubro (antes de qualquer instrução musical), a meio do ano lectivo (Março) e no fim do mesmo (Junho). Com a administração deste teste procurou verificar-se, por um lado, se não existiam diferenças significativas nos dois grupos logo à partida. Por outro lado, procurou-se também coligir dados que pudessem estabelecer um confronto entre a aptidão musical e o desempenho vocal.

Para a avaliação do desempenho vocal procedeu-se ao ensino de duas canções infantis, criadas para o efeito, com estrutura melódico- rítmica e temática diferentes. Após a aprendizagem de ambas as

canções iniciou-se a gravação individual das mesmas pelas crianças dos dois grupos, também em três momentos diferentes (Outubro, Março e Junho).

A gravação individual das duas canções permitiu avaliar, na mesma altura, o desenvolvimento musical e o desempenho vocal de cada criança em duas práticas pedagógicas diferentes. A avaliação do desempenho vocal foi realizada por três juizes independentes através da audição da gravação das duas canções em CD, fornecido a cada um. Para a classificação da execução gravada de cada criança foram igualmente fornecidas aos três juizes as três escalas de classificação (rating scales) nas dimensões *tonal, ritmo e expressividade* com os mesmos critérios de avaliação e grelhas de pontuação.

Os resultados do teste IMMA e as classificações do desempenho vocal efectuadas pelos três juizes independentes constituíram a base de dados fundamental para o respectivo tratamento estatístico através do programa SPSS. Os dados relativos às classificações dos juizes foram objecto de análise tendo sido calculada a fiabilidade inter-juizes.

2-ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

2.1. Apresentação dos resultados

Quadro 1 – Resultados do teste IMMA (tonal, ritmo e compósito) do grupo experimental 1 e grupo experimental 2, em Outubro, Março e Junho

MÊS	DIMENSÃO	GRUPO	SUJEITOS/N	MÉDIA	D. PADRÃO
OUTUBRO	TONAL	E. 1	18	29,7	3,4
		E. 2	23	29,0	4,2
	RITMO	E. 1	17	25,2	5,5
		E. 2	21	26,3	4,0
	COMPÓSITO	E. 1	17	55,3	6,9
		E. 2	21	55,8	6,3
MARÇO	TONAL	E. 1	18	30,3	4,7
		E. 2	22	31,7	2,3
	RITMO	E. 1	16	26,1	4,5
		E. 2	22	28,5	5,2
	COMPÓSITO	E. 1	16	56,8	8,6
		E. 2	22	60,2	7,8
JUNHO	TONAL	E. 1	18	31,2	5,4
		E. 2	22	32,2	3,6
	RITMO	E. 1	18	27,6	4,8
		E. 2	21	27,6	4,0
	COMPÓSITO	E. 1	18	58,8	7,5
		E. 2	21	60,1	6,3

O quadro 1 apresenta os resultados obtidos no teste IMMA dos dois grupos (experimental 1 e 2) nos três momentos de avaliação (Outubro, Março e Junho). Foram efectuados testes de significância estatística comparando as duas turmas, tendo em vista verificar se havia diferenças em termos de aptidão musical entre ambas. Verificou-se não existirem diferenças significativas.

Relativamente à prova de desempenho vocal, foi efectuado o estudo da fiabilidade inter-juízes para as

duas canções nos três momentos de avaliação. Os coeficientes de fiabilidade podem ser verificados nos quadros a seguir:

Quadro 2 – Fiabilidade inter-juízes nas classificações da canção nº 1 (Alpha de Cronbach)

MÊS	DIMENSÃO		
	TONAL	RITMO	EXPRESSIVIDADE
Outubro	.82	.85	.90
Março	.90	.89	.89
Junho	.90	.88	.87

Quadro 3 – Fiabilidade inter-juízes nas classificações do desempenho vocal da canção nº 2 (Alpha de Cronbach)

MÊS	DIMENSÃO		
	TONAL	RITMO	EXPRESSIVIDADE
Outubro	.89	.66	.90
Março	.87	.84	.85
Junho	.94	.90	.93

Como se pode verificar, com excepção do coeficiente obtido na dimensão *ritmo* (.66) em Outubro, na classificação da canção 2, todos os restantes valores são superiores a 0.70 – índice normalmente considerado satisfatório pela literatura para situações congéneres.

O quadro 4, a seguir indicado, sintetiza os resultados observados nas médias das classificações obtidas pelos dois grupos nas duas canções no início e no termo da instrução musical.

Quadro 4 – Resultados do somatório das classificações atribuídas pelos três juizes no desempenho vocal das duas canções em Outubro e Junho

MÊS	DIMENSÃO	GRUPO	SUJEITOS/N	MÉDIA	D. PADRÃO
OUTUBRO	TONAL	E. 1	17	2,8	,84
		E. 2	23	2,7	1,0
	RITMO	E. 1	17	3,4	,44
		E. 2	23	3,2	,75
	EXPRESSIVIDADE	E. 1	17	2,5	1,0
		E. 2	23	1,8	1,1
JUNHO	TONAL	E. 1	18	3,5	1,2
		E. 2	20	3,2	1,2
	RITMO	E. 1	18	3,9	,55
		E. 2	20	3,6	1,2
	EXPRESSIVIDADE	E. 1	18	3,4	1,0
		E. 2	20	2,7	1,4

Este conjunto de resultados foi submetido a teste de significância estatística. Verificaram-se melhorias no desempenho vocal dos dois grupos ao longo do período de instrução sem que as diferenças sejam estatisticamente significativas.

Foram também calculadas as correlações entre as classificações obtidas nas provas de desempenho e os resultados obtidos nos compósitos do IMMA. Os valores são apresentados no quadro a seguir:

QUADRO 5 - Correlações entre classificações nas provas de desempenho vocal e resultados compósitos do I.M.M.A. nos três períodos de avaliação (Outubro, Março e Junho)

	I.M.M.A. Outubro	I.M.M.A. Março	I.M.M.A. Junho
Desempenho Vocal Outubro	.37* n = 35	.47** n = 35	.38 n = 37
Desempenho Vocal Março	.28 n = 38	.35* n = 38	.21 n = 39
Desempenho Vocal Junho	.22 n = 34	.40* n = 34	.38* n = 36

* Significativo para $p < .05$; ** Significativo para $p < .01$

Como se pode verificar, foram encontrados cinco valores de correlações estatisticamente significativas. Embora sendo indicativos da validade concorrente do IMMA, trata-se, no entanto, de valores sem grande expressividade.

Um dos aspectos mais relevantes deste estudo diz respeito às crianças monótonas. Neste sentido, efectuou-se o teste *t de student* para amostras independentes procurando-se verificar se as crianças diagnosticadas como monótonas apresentavam resultados significativamente diferentes quando comparadas com os outros sujeitos quer no IMMA, quer nas provas de desempenho vocal. O quadro a seguir apresenta os resultados encontrados:

Quadro 6 - Teste de diferenças entre monótonos (Mon) e restantes sujeitos (NMon) nas provas de desempenho vocal e no IMMA nos três momentos de avaliação

Prova	Sujeitos/N	Média	Desvio Padrão	t	df	p
IMMA Compósito Outubro	NMon 23	56.7	12.1	1.6	36	.121
	Mon 15	40.3	8.9			
IMMA Compósito Março	NMon 24	61.3	18.2	3.3	36	.002 **
	Mon 17	45.1	13.1			
IMMA Compósito Junho	NMon 23	67.8	17.3	2.2	37	.031 *
	Mon 14	48.5	14.6			
Desempenho Vocal Outubro	NMon 22	56.6	5.2	4.5	36	.000 **
	Mon 16	53.6	7.7			
Desempenho Vocal Março	NMon 23	62.0	6.7	3.1	39	.003 **
	Mon 15	53.9	8.1			
Desempenho Vocal Junho	NMon 23	61.5	6.0	3.5	35	.001 **
	Mon 16	56.8	7.0			

* Significativo para $p < .05$; ** Significativo para $p < .01$

Observando os resultados verifica-se que a única situação em que não há diferenças significativas entre os sujeitos diagnosticados como monótonos (Mon) e os não monótonos (Nmon) é no IMMA, antes do período de instrução musical se ter iniciado. Depois, quer nas provas de desempenho vocal quer no IMMA, os resultados obtidos pelas crianças monótonas e não monótonas diferem significativamente não obstante o facto de se terem registado melhorias no desempenho das crianças monótonas ao longo da instrução.

Uma vez que se trata de um pequeno grupo, o que à partida apresenta limitações de tratamento estatístico, complementa-se esta apresentação de resultados com algumas observações relativas aos resultados individualizados das crianças identificadas como monótonas. Assim, no total da amostra foram identificadas 17 crianças monótonas, sendo 6 do sexo feminino e 11 do sexo masculino. De uma forma geral observa-se um aumento progressivo do teste *tonal* do IMMA, entre Outubro e Junho, bem como no desempenho vocal nas três dimensões (tonal, ritmo e expressividade). No entanto, em algumas situações a dimensão *expressividade* apresenta valores bastante baixos. Observando a

evolução dos resultados dos monótonos dos dois grupos verificou-se que no início do período de instrução obtiveram resultados semelhantes e no termo do mesmo os resultados do grupo experimental 1 (a quem foi ministrada a pedagogia Ward) eram bastante mais elevados. As crianças de ambos os grupos identificadas como monótonos, mas que apresentavam resultados elevados no IMMA (aptidão tonal bastante acima da média) obtiveram , no termo da instrução, classificações mais elevadas nas provas de desempenho vocal . Este facto chama a atenção para a importância da administração de um teste como o IMMA que é uma fonte de informação baseada nas capacidades de *audição* (3) da criança, podendo estar desfasada das suas capacidades de desempenho vocal (no caso havia crianças com elevado nível de audição conforme foi diagnosticado no IMMA, mas com baixo nível de desempenho vocal). Após treino musical adequado às suas capacidades e por um período mais ou menos longo, elas podem também melhorar o seu grau de desempenho musical. Foi o que se verificou neste estudo.

Atendendo aos conceitos de aptidão musical desenvolvimental e estabilizada (4) de acordo com Gordon pode perguntar-se quão determinante poderá ser a existência de instrução musical antes dos nove anos de idade, em especial para crianças com este tipo de características.

Conclusões

O estudo longitudinal revelou melhorias em termos de desenvolvimento vocal e evidenciou o carácter desenvolvimental da aptidão musical de acordo com a teoria de Gordon. Ambos os grupos , experimental 1 e 2 subiram os resultados das médias quer no teste IMMA, quer no desempenho vocal após treino musical. O grupo experimental 1 apresentou resultados ligeiramente superiores, embora estatisticamente não significativos. O estudo permitiu concluir que as duas práticas educativas, embora diferentes, foram positivas quer ao nível do desenvolvimento musical em termos de aptidão musical, quer ao nível do desempenho vocal propriamente dito. O estudo evidencia também ser a pedagogia musical Ward especialmente recomendada para o trabalho vocal com as crianças monótonas. A utilização do teste IMMA pode ser uma boa associação com a pedagogia Ward na medida em que permite um diagnóstico mais pleno, essencial para adaptar a instrução musical às necessidades individualizadas de cada aluno.

Reflexão final

As conclusões apresentadas servem como ponto de partida para reflectirmos sobre o que se passa nas nossas Escolas de Música relativamente aos testes de admissão dos alunos. A este propósito, Rodrigues (2002), a quem se deve a adaptação do primeiro teste de aptidão musical no nosso País, refere : *“ Há várias Escolas de Música no nosso país que, devido à existência de um número limitado de vagas fazem selecção de candidatos com base naquilo que dizem ser testes de aptidão musical. Na prática, o que se faz é convocar as crianças para realizar tarefas como: cantar uma canção do seu agrado e escolha pessoal; imitação de frases rítmicas e melódicas; pedir à criança que encontre no piano, dentro de uma tessitura limitada um som previamente dado; pedir que invente frases musicais...”* (p.201). Ora tudo isto é discutível e não deixa de ser preocupante porque, na realidade, e como refere Rodrigues (2002), a criança expõe, nas tarefas que lhe são pedidas, predominantemente, o seu nível de desempenho vocal. Tais avaliações, segundo a mesma investigadora, ainda que sejam realizadas na presença de um júri, *“ não têm qualquer controlo relativamente à fiabilidade das observações efectuadas ”* (p. 201).

Regressando à questão das crianças monótonas identificadas e acompanhadas neste estudo, é legítimo concluir que se tais crianças tivessem realizado os habituais “testes de aptidão” para entrar numa Escola de Música , seriam excluídas e impedidas, talvez para sempre, de desenvolver a sua verdadeira aptidão musical. É, por isso, urgente a aplicação de testes que possam medir, de forma o mais objectiva possível, a real aptidão musical dos alunos quer nas Escolas de Música, quer nas Escolas do 1º ciclo do Ensino Básico. Isto só será possível quando houver uma mudança de atitude em relação à aplicação sistemática dos testes de aptidão nas nossas escolas e, sobretudo, uma mudança nas decisões políticas visando não uma educação miope e elitista, mas uma educação integral que dê oportunidades iguais a todas as crianças portuguesas, desde o Jardim de Infância à Universidade.

Mantenho também a convicção de que os métodos activos de Educação Musical continuam a constituir uma importante base de trabalho dos professores, na sua prática pedagógica da música. Há, contudo, necessidade de desmistificar os preconceitos sobre os mesmos e de desmistificar também a ideia generalizada de que as expressões artísticas são subjectivas a ponto de não

merecerem a mesma credibilidade das experiências científicas. As experiências artísticas são também experiências científicas. “ *A força da ciência*”, afirma Damásio (2000), *provém da capacidade de verificar a consistência de muitas subjectividades individuais* “ (p. 138).

Espero que o presente estudo possa contribuir para a construção do conhecimento sobre a problemática vocal da criança e, quem sabe, possa ser um contributo para a criação em Portugal de um centro de pesquisa sobre a voz da criança.

Notas

(1) **Aptidão musical em desenvolvimento** – potencial musical afectado pela qualidade dos factores ambientais, durante o período entre o nascimento e os nove anos de idade, aproximadamente. (cf. teoria de Gordon)

(2) **Avaliação idiográfica** – comparação do desempenho musical de um aluno com a sua aptidão musical, ou com o seu desempenho musical passado.

(3) **Audiação** - conceito criado por Edwin Gordon. Significa a capacidade para ouvir e compreender musicalmente quando o som não está fisicamente presente. A audiação está para a música assim como o pensamento está para a linguagem.

(4) **Aptidão musical estabilizada** – potencial musical que já não é afectado por factores ambientais e que estabiliza a partir dos nove anos de idade, aproximadamente. (cf. teoria de Gordon).

BIBLIOGRAFIA

Alió, O. (1983) . *Reflexiones sobre la voz*. Barcelona: Clivis Publicationes.

Bentley, A (1966). *Measures of Musical Abilities*. London: Harrap.

Bloch, P. (2003) . *Divulgando Problemas de Voz e Fala*. Rio de Janeiro: Editora Revinter, Lda

Castarède, M.F (2002) . *Moyens d’investigation et pédagogie de la voix chantée* in Actes du Colloque au Conservatoire Nationale de Lyon (8-10 Février 2001). Lyon: Simétrie.

Damásio, A. (2000). *O sentimento de si – O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Mem Martins: Publicações Europa América, Lda

Dinville, C. (1987) . *Les Troubles de la Voix et leur reeducation*. Paris: Masson

Garde, E. (1970) . *La voix*. Paris: P.U.F.

George, G. (1970) . *Tonality and Musical Structure*. New York: Praeger Ed.

Giga, I. (1993) . *A Educação da Voz na Formação de Professores* in Actas 3º e 4º Seminários – A Componente de Psicologia na Formação de Professores e Outros Agentes Educativos. Universidade de Évora, 217-220.

Giga, I. (1995, Janeiro/Março)- *A Importância da Educação Vocal na Pedagogia Musical Ward*. Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical, 84, 7-10.

Giga, I. (2000, Janeiro/Março). *A Improvisação na Pedagogia Musical Ward*. Revista da Associação Portuguesa de Educação Musical, 104, 12-16.

- Giga, I. (2005, Setembro). *A Educação Vocal da Criança*. Revista Música, Psicologia e Educação, 6, CIPEM, 69-80.
- Gordon, E. (1986). *The Nature, Description Measurement and Evaluation of Music Aptitudes*. Mainz: Schott.
- Gordon, E. (2000 a). *Contemplating objective research in music education*. Early Childhood Connections, 6 (1), 30-36.
- Gordon, E. (2000 b). *Teoria de Aprendizagem Musical – Competências, Conteúdos e Padrões*. Lisboa: Edição da F.C. Gulbenkian.
- Gordon, E. (2000 c). *Teoria de Aprendizagem Musical Para Recém-Nascidos E Crianças Em Idade Pré-Escolar*. Lisboa: Edição da F.C. Gulbenkian.
- Gordon, E. (2001). *Medidas Intermédias de Audição Musical (Manual do IMMA – Adaptação portuguesa de Helena Rodrigues)*. Lisboa: CEGOC- TEA, Lda.
- Gordon, E. (2002). *Rating Scales and Their Uses for Measuring and Evaluating Achievement in Music Performance*. Chicago: GIA Publications Inc.
- Gordon, E. (2005). *Reflections on the Development of Music Learning Theory – Vectors in my research* in Runfola, M. & Taggart, C (Eds), 3-50. Development and Practical Application of Music Learning Theory. Chicago: GIA.
- Imberty, M. (196). *L'Acquisition des Structures Tonales Chez L'Enfant*. Paris: Klincksieck.
- Imberty, M. (1990). *La génèse des schémas d'organisation temporelle de la pensée musicale chez l'enfant*. Les Sciences de L'Education, 3-4, 39-61
- Miller, R. e Gouellou, J.M. (1995). *La structure du Chant: pédagogie systematique de l'art du chant*. Paris: IPMC.
- Mota, G. (1994). *Music development in the early school years: The role of aptitude music instruction and family background*. Newsletter of European Society for the Cognitive Sciences of Music, 5, 27-31.
- Mota, G. Costa, J.A. e Leite, A. (2002, Setembro). *Educação Musical em contexto : à procura de uma nova praxis*. Revista Música, Psicologia e Educação, 4, CIPEM, 67-83.
- Nitsche, P. (1967). *Higiene de la voz infantil*. Buenos Aires: Eudeba.
- Ott, B. e Ott, J. (1981). *La Pédagogie de la Voix et les Techniques Européennes du Chant*. Issy-Les-Moulineaux: Editions EAP.
- Palheiros, G. (1998, Julho/Setembro). *Jos Wuytack – Músico e Pedagogo*. Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical, 98, 16-22.
- Palheiros, G. (2002, Setembro). *Ouvir Música em casa e na escola: influência do contexto em crianças e adolescentes*. Revista Música, Psicologia e Educação, 4, CIPEM, 47-66.
- Roberts, E. & Davies, A.D. (1976). *A Method of Extending the Vocal Range of "Monotone" Schoolchildren*. Psychology of Music, vol 4, nº 1, University of Liverpool, 29-43.
- Rodrigues, H. (1997). *Avaliação da Aptidão Musical em Crianças do 1º ciclo de Escolaridade- Aferição do Teste Intermediate Measures of Music Audiation (IMMA) para a área Educativa de Lisboa*. Tese de

doutoramento não publicada. Universidade de Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Rodrigues, H. (2002). *Avaliação da aptidão musical: viagem em torno de questões históricas e epistemológicas rumo a uma reflexão sobre a actualidade*. Revista Portuguesa de Musicologia, 12, 181-210.

Rodrigues, H. (2004) . *Estudo de validade do Teste Intermediate Measures of Music Audiation de Edwin Gordon Para uma Situação de Desempenho Musical de Crianças do 1º Ano de Escolaridade*. Revista Educare, Ano X, nº especial, 11-33.

Rodrigues, H. e Ferreira, J. (1994) . *Avaliação da aptidão musical: elementos para uma definição*. Psychologica, 11, 91-100.

Rondeleux, L.J. (1996) . *Trouver sa voix*. Paris: Editions du Seuil.

Sá, M. (1997) . *Segredos da Voz- Emissão e Saúde*. Lisboa: Sebenta Editora, Lda.

Sartori, G. (2000) . *Homo Videns – Televisão e pós-pensamento*. Lisboa: Terramar, Lda.

Seashore, C. (1919). *The Psychology of Music*. New York: Silver Burdett.

Shuter-Dyson, R. e Gabriel, C. (1981). *The psychology of musical ability*. London: Methuen.

Shuter-Dyson, R. e Gabriel, C. (1994). *Le problème entre hérédité et milieu dans la formation des aptitudes musicales* in Zenatti (Ed.), *Psychologie de la Musique*, Paris: P.U.F.

SLOBODA, J.A. (1985). *The musical mind: The cognitive psychology of Music*. Oxford: Oxford University Press.

Tomatis, A. (1977) . *O Ouvido e a Linguagem*. Porto: Livraria Civilização.

Vieira, M.M. (1996) . *Voz e relação educativa*. Porto: Edições Afrontamento.

Ward, J. (1947) . *Thomas Edwards Shields- Biologist, Psychologist, Educator*. New York: Charles Scribner's Sons.

Ward, J. (1962) . *La Méthode Ward – Pédagogie Musicale Scolaire*. Paris: Desclée & Cie.

Ward, J. (1976) . *Para que todos possam cantar, Livro I – Manual do Professor*. Washington: Centro de Estudos do Método Ward da Universidade Católica.

Welch, G.F. (2004, Setembro). *Investigar o desenvolvimento da voz e do canto ao longo da vida*. Revista Música, Psicologia e Educação, 5, CIPEM, 5-20.

Willems, E. (1970) . *As Bases Psicológicas da Educação Musical*. Bienne: Edições Pro-Música.

Wing, H. (1968) . *Tests of musical ability and appreciation*. Cambridge: University Press.

Wuytack, J. (1993, Janeiro/Março). *Actualizar as Idéias Educativas de Carl Orff*. Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical, 76, 4-9.

Zenatti, A. (1969). *Le développement génétique de la perception musicale*. Paris: C.N.R.S.

Zenatti, A. (1990) . *Aspects du Développement Musicale de l'Enfant dans l'Histoire de la Psychologie au XX ème siècle*. Les Sciences de l'Éducation, 3-4, Université de Caen, 21-38.

* Artigo publicado na Revista de Educação Musical nº 130 / Janeiro a Junho 2008, pp 29-39.